

INSTITUTO FEDERAL GOIANO - IF GOIANO  
CAMPUS AVANÇADO DE IPAMERI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO (LATO SENSU) DOCÊNCIA NO ENSINO  
SUPERIOR

**SÍNDROME DE DOWN: CARACTERÍSTICAS E RELATOS INICIAIS DO  
DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

IPAMERI/GO  
MARÇO/2019  
QUÊNIA APARECIDA DA SILVA

INSTITUTO FEDERAL GOIANO - IF GOIANO  
CAMPUS AVANÇADO DE IPAMERI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO (LATO SENSU) DOCÊNCIA NO ENSINO  
SUPERIOR

**QUÊNIA APARECIDA DA SILVA**

SÍNDROME DE DOWN: CARACTERÍSTICAS E RELATOS INICIAIS DO  
DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal Goiano, Campus Avançado Ipameri, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Docência do Ensino Superior.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ma. Uiara Vaz Jordão

IPAMERI, GO  
MARÇO/2019

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP  
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
**Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano**

S  
SI586s Silva, Quênia Aparecida da  
Síndrome de Down: características e relatos iniciais  
do desenvolvimento na primeira infância / Quênia  
Aparecida da Silva; orientadora Uíara Vaz Jordão. --  
Ipameri, 2019.  
16 p.

Monografia (Graduação em Pós Graduação Lato Sensu em  
Docência do Ensino Superior) -- Instituto Federal  
Goiano, Campus Ipameri, 2019.

1. Síndrome de Down. 2. Inclusão. 3. Escola. I.  
Jordão, Uíara Vaz, orient. II. Título.



**INSTITUTO FEDERAL**  
Goiano

**Repositório Institucional do IF Goiano - RIIF Goiano**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

**Identificação da Produção Técnico-Científica**

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese  | <input type="checkbox"/> Artigo Científico              |
| <input type="checkbox"/> Dissertação                                 | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro              |
| <input checked="" type="checkbox"/> Monografia – Especialização      | <input type="checkbox"/> Livro                          |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação                             | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ |   |

Nome Completo do Autor:  
Matrícula:  
Título do Trabalho:

**Restrições de Acesso ao Documento**

Documento confidencial:  Não  Sim, justifique: \_\_\_\_\_

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

O documento está sujeito a registro de patente?  Sim  Não  
O documento pode vir a ser publicado como livro?  Sim  Não

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Spameri, 30/03/19  
Local Data

Quênia Aparecida da Silva  
Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

Uara Zhy Jordão  
Assinatura do(a) orientador(a)




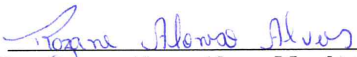
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO  
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI

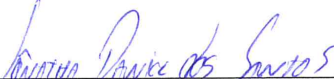
**ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO-SENSU (ESPECIALIZAÇÃO) EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR**

No dia **30 de março de 2019**, às **10 horas e 30 minutos**, na Sala de Aula 1 do Bloco D do Instituto Federal Goiano - IF Goiano, Campus Avançado Ipameri, sob a presidência da Professora Ma. Uiara Vaz Jordão, reuniu-se, em sessão pública, a Banca Examinadora de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna **Quênia Aparecida da Silva**, do curso de Pós-Graduação Lato-Sensu (Especialização) em Docência do Ensino Superior, visando à obtenção do título de Especialista. A banca foi constituída pelos professores: Ma. Uiara Vaz Jordão (orientadora) e presidente, Dra. Rozane Alonso Alves e Me. Jônatha Daniel dos Santos, com anuência da Coordenação do Curso. Iniciados os trabalhos, a presidência deu conhecimento aos membros da Banca, e à candidata, das normas que regem a defesa de Trabalho de Conclusão de Curso. A seguir, a aluna passou à defesa de seu trabalho intitulado: "**Síndrome de Down: características e relatos iniciais do desenvolvimento na primeira infância**". Encerrada a defesa, procedeu-se ao julgamento. Apuradas as notas verificou-se que a candidata foi Aprovada com a nota 96. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e por mim, em 30 de março de 2019.

  
Acadêmica: **Quênia Aparecida da Silva**

  
**Profa. Ma. Uiara Vaz Jordão - Orientadora e Presidente**  
Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Ipameri (GO)

  
**Profa. Dra. Rozane Alonso Alves - Membro Titular**  
Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Ipameri (GO)

  
**Prof. Me. Jônatha Daniel dos Santos - Membro Titular**  
Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Ipameri (GO)

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>4</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2 O QUE É SÍNDROME DE DOWN?.....</b>	<b>7</b>
<b>3 CARACTERÍSTICAS DA SÍNDROME DE DOWN.....</b>	<b>8</b>
<b>4. LIMITES E POTENCIALIDADES PARA A ATUAÇÃO JUNTO A ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN.....</b>	<b>10</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>12</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>14</b>

## SÍNDROME DE DOWN: CARACTERÍSTICAS E RELATOS INICIAIS DO DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

QUÊNIA APARECIDA DA SILVA

Prof<sup>a</sup> Ma. UIARA VAZ JORDÃO

**Resumo:** Este trabalho tem como proposta de discussão, versar de maneira analítica sobre a política educacional inclusiva destinada a alunos com Síndrome de Down (SD). Para isso, pautamo-nos em uma pesquisa de cunho bibliográfico, pautado em autores como Mantoan (2005), Voivodic (2004), Werneck (1995), entre outros, para expor a descrição do que é a SD, como se apresenta e versar sobre a necessidade de adaptação correta das atividades pedagógicas escolares, de modo que agregue o aluno. Ao final, numa breve exposição, apresentamos a narrativa de uma mãe e uma professora sobre a necessidade de um trabalho/trato adequado às necessidades/especificidades da SD. De maneira sumária, a SD é uma condição crônica, originada por uma desordem cromossômica, o que faz com que os portadores apresentem algumas singularidades, como baixa estatura, hipotonia, nariz pequeno com base nasal achatada, entre outras características; todavia, não o incapacita de desenvolver suas atividades dentro da sociedade, em concordância com as suas especificidades. Discussões como estas se fazem necessárias para aumentarmos o número de pessoas cientes sobre o assunto, além de incitar discussões que almejem aumentar a quantidade de métodos destinados aos trabalhos realizados juntos dos alunos que possuem a SD.

**Palavras-chave:** Síndrome de Down. Inclusão. Escola.

**Abstract:** This work has as a discussion proposal, to study in an analytical way about the inclusive educational policy destined to students with Down Syndrome. For this, we relied in a bibliographic research, listed in authors such as Mantoan (2005), Voivodic (2004), Werneck (1995), among others, to present the description of what SD is, how it presents and study about the its needs for a correct adaptation of school pedagogical activities, that adds the student. At the end, in a brief exposition we present the narrative of a mother and a teacher about the necessity of a work / treatment adapted to the needs / specificities of SD. SD is a chronic condition, originated by a chromosomal disorder, which causes the patients to present some singularities, such as short stature, hypotonia, small nose with a flat nasal base, among other characteristics; However, it doesn' t disqualify the person from developing activities within the society, in accordance with the student/person specificities. Discussions like these are necessary to increase the number of people aware about the subject, in addition to starting discussions that aim to increase the number of methods for the works carried out among students who have SD

**Key Words:** Down Syndrome. Inclusion. School.

## 1 INTRODUÇÃO

A partir dos últimos 50 ou 60 anos, a inclusão vem tornando-se mais importante, com isso firmou-se em 1990 o ponto de vista de “sociedade inclusiva”, através da Resolução 45/91, da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), no entanto o que mais questionavam era a forma de incluir pessoas com deficiências na sociedade, isso desde o final dos anos 80.

No entanto, a educadora Maria Tereza Mantoan (2005) relata sobre a escola ser o começo de uma sociedade sensata e que propicia oportunidades para todos, sendo na escola inclusiva que todos aprendem a respeitar as diferenças.

Concepções errôneas/atrasadas demonstram que ainda existem indivíduos que acham ser mais vantajoso colocarem as pessoas com deficiência em escolas especiais, sendo que essas pessoas têm direitos iguais.

O acesso de todos a um ensino de qualidade, sendo que pessoas com necessidades especiais devem receber um atendimento específico que garanta ao aluno uma escola regular com ensino de qualidade, está garantido desde 1988 na Constituição, mais especificadamente no artigo 205.

A Constituição de 1988 conta com uma reflexão referente ao importante papel social que a escola tem na vida das gerações futuras e conseqüentemente valorizar as diferenças encontradas em sala de aula, de modo que enriqueça ainda mais o ensino e a aprendizagem de todos.

Nesse artigo, nossa personagem principal é a criança com SD no campo educacional, relatando que essa síndrome possui desordens relativas que podem prejudicar a aprendizagem motora dessas crianças e muitas vezes deixando-as suscetível ao aprendizado e isso dependem muito dos estímulos que elas recebem. Silva (2002) destaca a carência dos programas de estimulação, ressalta que não deve ficar só para as crianças menores de 3 anos, pois essas recebem auxílio em associações especializadas e a seguir começam a diminuir essa estimulação, sendo que só deveria aumentar.

Os processos de desenvolvimentos mais importantes de uma criança são nos



primeiros seis anos de vida, ou seja, na primeira infância, é nessa fase que a criança desenvolverá a capacidade cognitiva e social, é também o momento que o cérebro absorve todas as informações, por isso precisam de muitos estímulos para se desenvolver.

Desta maneira o desenvolvimento motor acompanhado da aptidão motora das crianças em idade escolar se torna fundamental na vida futura, tanto nos aspectos sociais, intelectuais como culturais, isso relacionando desenvolvimento motor e rendimento escolar.

Sendo assim Cezário (2008), ressalta que as atividades físicas são importantes para que as tarefas cognitivas sejam coerentes e que os estudantes obtenham um produtivo desenvolvimento escolar, isso aliando interação motora e psíquica para melhorar o desenvolvimento da aprendizagem de todos. Portanto as atividades motoras atribuem um importante papel no desenvolvimento completo da criança, alcançando os aspectos físicos, cognitivos e sociais, aumentando os básicos para sua formação (HAGEMANN; RODRIGUES, 1991).

A partir deste princípio, o texto apresenta uma reflexão sobre a importância da estimulação precoce em crianças com SD para obter um melhor desenvolvimento de suas habilidades. Para a realização deste trabalho foi realizada uma pesquisa exploratória, numa proposta metodológica qualitativa de estudo de caso, para que se pudesse investigar o desenvolvimento de uma criança com SD, mas, para isto, foi realizado, antes, uma pesquisa bibliográfica, objetivando uma melhor compreensão sobre o assunto.

Os conceitos analisados foram: (i) o que é síndrome de Down (SD); (ii) características, causas e sintomas; (iii) crianças com SD; e (iv) estimulação precoce. Os principais autores que contribuíram com o trabalho foram: Werneck (1995), Schwartzmam (1999), Silva e Dessen (2002), Silva (2002), Voivodic (2004), entre outros.

Para enaltecer o trabalho, foi feita uma entrevista semiestruturada com a mãe de uma aluna com SD, de uma escola particular da cidade de Ipameri-GO, que relatou: (i) como foi sua gestação; (ii) a descoberta de que sua filha tinha SD; (iii) a preparação da família para receber essa criança; (vi) quais foram os profissionais procurados para auxiliar no desenvolvimento e toda sua caminhada até a chegada

na escola; e (v) os dias atuais e outra entrevista com a professora discorrendo sobre seu trabalho, sua preparação e suporte escolar para atendimento da aluna com SD.

## **2 O QUE É SÍNDROME DE DOWN?**

De acordo com o Movimento Down, essa síndrome é causada pela presença de três cromossomos 21 em todas ou na maior parte das células de um indivíduo. Isso ocorre na hora da concepção de uma criança. As pessoas com SD, ou trissomia do cromossomo 21, têm 47 cromossomos em suas células em vez de 46, como a maior parte da população.

Schwartzan (1999b), diz que essa síndrome também pode ser caracterizada por translocação ou um mosaico. Na translocação o cromossomo 21 adicionais está fundido a outro autossomo; a mais comum é aquela existente entre os cromossomos 14 e 21. A ocorrência dessa anomalia se dá em 5 % dos casos diagnosticados, apesar de que Brunoni (1999) afirme que a incidência seja de 1,5 a 3 %. Já a SD caracterizada por um mosaico representa um grupo menor, no qual as células trissômicas aparecem ao lado de células normais.

Ela foi reconhecida a mais de um século por John Lagdon Down, médico pediatra inglês, que constituiu uma das causas mais frequentes de deficiência mental (DM) relatando, de forma errada, aspectos da síndrome, como idiotia mongolóide. Ao longo do tempo teve outras denominações, como imbecilidade mongolóide, cretinismo furfuráceo e acromicria congênita. Foi oficialmente reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) com a denominação de Síndrome de Down, a partir de 1965 (SILVA; DESSEN, 2002), depois que Jérôme Lejeune ter descoberto a causa genética, portanto a SD, não é uma doença que muitos imaginam ter cura, é uma alteração cromossômica e não há possibilidades de desaparecer. A criança com síndrome de Down foi tratada por muito tempo como incapaz, retardada e até mesmo, em algumas sociedades, como filho do demônio. Atualmente ainda existem pessoas que julgam ser a síndrome de Down como uma deficiência mental.

Segundo Werneck (1995), foi no século XIX que começa a história da SD,

pois antes os deficientes mentais eram tratados de forma igual, sendo medicados sem levar em conta as causas de suas deficiências.

De acordo com o Ministério da Saúde, a cada ano nascem oito mil bebês com SD e Vovodic (2004, p. 40) diz que a síndrome pode ser proveniente de três tipos de implicação cromossômicas, ou seja, trissomia simples, que é quando ocorre à disjunção do cromossomo 21, a translocação, momento que o cromossomo adicional está sobreposto a um cromossomo de outro par e mosaïcismo que é a presença de um percentual de células normais, isto é, 46 cromossomos, e outro percentual com células trissômicas com 47 cromossomos.

Schwartzman (1999) relaciona fatores que podem alterar a ocorrência da SD, sendo endógenos, que corresponde a idade da mãe, pois quanto mais velhas, mais chances terão de ter filhos com SD e também os exógenos ou ambientais, que deixa evidente nos diagnósticos do pré-natal. Sendo assim VOIVODIC (2004) evidencia que quanto mais gestações suspensas depois da identificação no pré-natal, menor será a ocorrência ao nascimento.

### **3 CARACTERÍSTICAS DA SÍNDROME DE DOWN**

De acordo com Schwartzman (1999), a SD é marcada por muitas mudanças ligadas, que podem ser observadas em muitos casos, as principais são: cardiopatias, prega palmar única, baixa estatura, comprimento reduzido do fêmur e úmero, hidronefrose e dismorfismo da face e ombros, pescoço curto, crânio achatado, mais largo e comprido, mãos curtas, narinas normalmente arrebitadas por falta de desenvolvimentos dos ossos nasais, entre outras. E em relação às características físicas podem ser percebidas desde o nascimento, pois são bem parecidas.

Sobretudo em relação ao comportamento e o desenvolvimento não acontece o mesmo, segundo Schwartzman (1999) não existe um exemplo caracterizado e esperado em todas as crianças com SD, o que desenvolverá o comportamento e a inteligência serão as influências do ambiente em que ela está inserida.

Afetividade, teimosia e docilidade são algumas características da SD, entretanto Giovanini (1994) diz que, estudos não comprovam que os

comportamentos sejam comuns entre essas crianças, portanto não tem como formar um perfil comprovador do portador da SD, sendo em sua maioria indivíduos calmos, bem-humorados e com prejuízos intelectuais.

O que mais se retrata na pessoa com SD é a deficiência intelectual, isso vem mudando, pois, estudos mostram que o QI2 dessas pessoas vem expandindo, deixando claro que a inteligência pode ser decidida por fatores ambientais também e não só por fatores biológicos (VOIVODIC, 2004).

Acreditando que os aspectos cognitivos dos indivíduos são características obtidas, os das pessoas com SD se forem estimuladas corretamente irão desenvolver-se e aprender regularmente. Deste modo a estimulação favorece a vida da criança com SD, conseqüentemente irá ter melhorias na mastigação, fala, nas funções motoras e intelectuais. Portanto é necessário estimular desde bebê, tem que ser um papel não só de responsabilidade da mãe, mas de toda família que está envolvida nesse processo.

Uma vez que, a mãe da criança entrevistada relata o quanto é essencial à busca de informações a respeito dessa síndrome, para melhor procura de profissionais e recursos para auxiliar no desenvolvimento de sua filha. Ela relata que “desde o nascimento buscamos informações e logo que passei pelo puerpério fui em busca de todos os profissionais e recursos que pudessem auxiliar no desenvolvimento de minha filha. Desde o segundo mês de vida ela faz fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional. Depois de algum tempo começou, também, com hidroterapia, estimulação e ecoterapia. Fomos a vários médicos especialistas na área para cuidar de todos as possíveis situações que a síndrome pode acarretar.

Hoje, minha filha está em tratamento/acompanhamento com neurologista, cardiologista, pediatra, endocrinologista, fisioterapeuta, psicólogo, fonoaudiólogo e terapeuta ocupacional”.

Dessa forma, percebe-se a importância de todos para o desenvolvimento da criança com SD, visto que em algumas crianças com essa síndrome, o que mais se observa é o atraso na fala, apresentando, também, “um déficit em relação à memória” (VOIVODIC, 2004, p. 45).

Com isso se todos comprometidos nesse processo de inclusão procurar informações e profissionais certos, o desenvolvimento dessas crianças serão

gigantesco e bem rico.

#### **4. LIMITES E POTENCIALIDADES PARA A ATUAÇÃO JUNTO A ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN**

Para que ocorra a inclusão da criança com SD é necessário o envolvimento de todos, diretor, professores, funcionários da escola e de sua família, todos devem estar envolvidos no planejamento de estratégias relacionadas com a inclusão.

De acordo com Bergamo (2009, p. 61):

A escola inclusiva necessita de professores qualificados e capazes de planejar e tomar decisões, refletir sobre a sua prática e trabalhar em parcerias para responder respostas adequadas a todos os sujeitos que convivem numa escola. Portanto não basta a titulação. A formação dos profissionais é essencial para a melhoria do processo de ensino e para o enfrentamento das diferentes situações que a tarefa de ensinar implica.

Muitas escolas não possuem recursos pedagógicos específicos para trabalhar com a inclusão de alunos com necessidades especiais, portanto muitos professores enfrentam barreiras como falta de recursos físicos, materiais pedagógicos, falta de especialização e até mesmo de um planejamento educacional pedagógico para atuar na inclusão de pessoas com deficiências.

No entanto, para se fazer uma inclusão de forma positiva é necessário um bom desenvolvimento profissional, formação e qualificação continuada, pois de acordo com Stainback (2008) bons professores não nascem prontos, eles vão aprendendo no decorrer da vida, mas que há alguns que sabem lidar muito bem em sala, mesmo tendo pouca qualificação. Porém todos necessitam de preparação apropriada para lidar em todos os aspectos de uma sala de aula.

Sendo assim, a falta de preparo dos professores é um obstáculo, mas isso não impede a inclusão dos alunos com necessidades especiais nas classes regulares. O professor precisa estar consciente de sua responsabilidade e da importância do seu papel na aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos.

Segundo a professora entrevistada, “a escola não estava preparada, mas, aos poucos, todos foram entendendo e se adaptando. Foi oferecida na escola uma

palestra em que todos os professores e funcionários pudessem participar e conhecer um pouco mais sobre o assunto. Entendemos o quanto é importante estarmos atentos às necessidades de nossos alunos e que para que aconteça a inclusão de fato e de direito, são necessárias várias mudanças, a começar por nossos pensamentos”.

Pois, de acordo com Freire, os educadores devem trabalhar as potencialidades que cada aluno já traz consigo e não suas dificuldades, pois apesar de todos os impedimentos enfrentados, é possível tornar a educação inclusiva. É primordial que a escola esteja dando suporte necessário para que a inclusão se efetive, revendo seus paradigmas de como ensinar e aprender, sobre como avaliar, sobre concepção de sujeito e aluno e principalmente rever seu Projeto Político-pedagógico levando em conta a proposta inclusiva já que a educação inclusiva exige um redimensionamento da escola como um todo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir desta breve explanação, percebe-se o quanto é fundamental o apoio de todos no processo de inclusão, pois não é algo simples, mas se todos se unirem, esse processo se torna mais fácil de trabalhar e da inclusão acontecer. Assim como a mãe relata o envolvimento dos profissionais no processo de inclusão de sua filha, também é necessário o apoio de casa e de seus familiares, bem como as transformações e adaptações no ambiente escolar para que ela realmente aconteça, podendo atender cada vez mais as necessidades de seus alunos e futuros alunos.

Sendo assim, é necessária a conscientização dos direitos dos deficientes para que eles possam lutar por tais direitos, muitas escolas estão tentando se adaptar para recebê-los e atender suas necessidades, mas ainda há muito que se fazer, mas já podemos considerar avanços em relação à inclusão.

Enfim, esses dados contribuíram ricamente para compreender o quanto é importante e fundamental o esclarecimento do que é a SD para melhor busca de estimulação precoce para crianças com essa síndrome.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. Intervenção precoce focada na criança ou centrada na família e na comunidade. **Análises Psicológicas**, v. 22, n. 1, p. 44-54, 2004.

BERGANO, R. B. **Pesquisa e prática profissional**: educação especial. Curitiba: Ibpex, 2009.

BUNONI, D. (1999). **Aspectos epidemiológicos e genéticos**. Em J.S. Schwartzan (Org.), Síndrome de Down (p.32-43). São Paulo: Mackenzie.

CEZÁRIO, A. E. S. Influência da atividade física no desenvolvimento motor e rendimento escolar em crianças do Fundamental. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Educação Física) - Universidade Estadual Vale do Acaraú, Caucaia, 2008. Disponível em: 20/02/2019.

DEA, V. H. S. D.; DUARTE, E. (Org.). Síndrome de Down: informações, caminhos e histórias de amor. **Bela Vista Phorte**, v. 1, n. 1, p. 333 abr. 2009.

GIOVANONI, G. M. Concepções de mães e professoras sobre o portador de Síndrome de Down. São Paulo: USP (Dissertação de mestrado). 1994.

GONZÁLEZ, E. Necessidades educacionais específicas: intervenção psicoeducacional. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GOUVÊA, D. H.; FELIX, M. A. **Síndrome de Down**: contextualização e socialização como método facilitador da educação inclusiva. 34 f. Monografia (Pós-graduação em Educação Inclusiva) – Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa da Paraíba, Itaporanga D'ajuda, 2009.

HAGEMANN, M.; RODRIGUES, M. B. Criança cresce brincando. Porto Alegre: Magister, 1991.

MANTOAN, Maria Tereza Egler. **Inclusão escolar o que é? Por que? Como fazer?**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2005.

MATTOS, Bruna Marturelli; BELLANI, Forti. A importância da estimulação precoce em bebês portadores de síndrome de Down: revisão de literatura. **Revista brasileira de terapia e saúde**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 51-53, jun. 2010.

MOREIRA, L. M. A.; EL-HANI, C. S.; GUSMÃO, F. A. F. A síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v 22, n. 2, p. 96-99, 2000.

NASCIMENTO, R.; PIASSÃO, C. **Avaliação e estimulação do desenvolvimento neuropsicomotor em lactantes institucionalizados**. Revista Neurociências, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 464-478, 2010.

SILVA, Dessen. Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família. **Interação em Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 167-176, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://bases.bireme.br>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

SILVA, N. L. P.; DESSEN, M. A. Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família. **Interação em Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 167-176, 2002.

SILVA, M. F. M. C. de. KLEINHANS, A. C. S. Processos cognitivos e plasticidade cerebral na síndrome de Down. **Revista brasileira de Educação Especial**, v. 12, n. 1, p. 123-138, 2006.

SILVA, Roberta Nascimento Antunes. **A educação especial da criança com SD**. Pedagogia em foco. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: < <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc11.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Arte editora, 1999.

SCHWARTZAN, J. S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie, 1999.

SCHWARTZAN, J. S. (1999b). **Generalidades**. Em J.S. Schwartzan (Org.), Síndrome de Down (p.16-31). São Paulo: Mackenzie.

VOIVODIC, Maria Antonieta M. A. **Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

WERNEC, C. **Muito prazer eu existo**: um livro sobre pessoas com síndrome de Down. 4. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1995.



## ANEXOS

### Questionário 1

Questionário desenvolvido para a realização do trabalho de conclusão de curso da Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior ministrado no Instituto Federal Goiano – Campus Avançado Ipameri.

Questionário aplicado a **mãe** de aluno com Síndrome de Down.

- Como foi sua gestação?

---

---

---

- Como descobriu que sua filha teria Síndrome de Down? Qual foi a reação?

---

---

---

- A família se preparou para receber essa criança de que forma?

---

---

---

- Depois do nascimento, quais os profissionais que foram procurados para auxiliar no desenvolvimento dela?

---

---

---

- Como foi o desenvolvimento dela a partir da participação desses profissionais?

---

---

---

- Qual a importância, observada pela mãe, da criança ser atendida por

diferentes profissionais na primeira infância?

---

---

---

- O que essa estimulação influenciou/influencia no desenvolvimento escolar durante a educação infantil?

---

---

---

- A escolha da escola se deu de que forma? E como foi a chegada dela na mesma?

---

---

---

- Como está sendo o desenvolvimento dela na escola?

---

---

---

- Como é o relacionamento dela com a professora e com os colegas?

---

---

---

- Quais os profissionais da saúde ela frequenta?

---

---

---

- Em sua opinião, o que é importante registrar?

---

---

---

Agradeço a colaboração

## Questionário 2

Questionário desenvolvido para a realização do trabalho de conclusão de curso da Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior ministrado no Instituto Federal Goiano – Campus Avançado Ipameri.

Questionário aplicado a **professora** de aluno com Síndrome de Down.

- Como esta a escola que você trabalha em relação a inclusão?

---

---

---

Como soube que receberia uma aluna com Síndrome de Down?

---

---

---

Como se preparou para receber essa aluna?

---

---

---

A escola ofereceu algum tipo de apoio ou orientação sobre essa síndrome?

---

---

---

Como foi a chegada dessa aluna na escola?

---

---

---

Essa aluna tem apoio da família?

---

---

---

Como ficou a escola com a chegada dessa aluna?

---

---

---

Qual sua opinião sobre o processo de inclusão.

---

---

---

Agradeço a colaboração

## **Relatos de experiência 1**

### Relato da Professora

“Na escola estamos caminhando rumo à inclusão, já que temos vários alunos com deficiências. Mas quando a aluna com Síndrome de Down chegou à escola estávamos despreparados quanto a essa especificidade, essa característica.

Em reunião pedagógica, fui comunicada que no início do ano receberíamos uma aluna especial, aluna com síndrome de Down. Muitas dúvidas, preocupações e incertezas afloraram naquele momento. Comecei a pesquisar, buscar informações, pois não tinha a menor noção de como lidar com crianças especiais. Pesquisei sobre a síndrome, suas características, como deve ser o trabalho pedagógico e como poderia desenvolver atividades e materiais para um melhor desenvolvimento em sala de aula.

A escola não estava preparada, mas, aos poucos, todos foram entendendo e se adaptando. Foi oferecida na escola uma palestra em que todos os professores e funcionários pudessem participar e conhecer um pouco mais sobre o assunto. Entendemos o quanto é importante estarmos atentos às necessidades de nossos alunos e que para que aconteça a inclusão de fato e de direito, são necessárias várias mudanças, a começar por nossos pensamentos.

A chegada da nossa aluna com síndrome de Down foi ótima, ela se adaptou muito bem e todos os colegas a receberam de maneira carinhosa. Como ela tem todo apoio em casa, ela já estava bem desenvolvida. Procurei a todo tempo incentivá-la, adaptei vários materiais pedagógicos pra ela que também atendesse aos demais alunos. Ela é uma aluna muito esperta, gosta de músicas, histórias curtas e dançar.

É uma criança que sempre teve incentivo de toda família desde seu nascimento, muitos são os profissionais envolvidos, como: fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, psicólogo e outros. Ela tem uma família que a apoia em tudo, todos são dedicados no seu desenvolvimento, por isso não teve dificuldades em se socializar na escola.

Quando se tem apoio da família, o processo de inclusão se torna um pouco mais fácil de ser tratado, pois, para a inclusão acontecer, é necessário muito empenho de todos os envolvidos nesse processo. Receber essa aluna foi um

presente e estou encantada e apaixonada por esta aluna. Procuro dar o meu melhor para o desenvolvimento dela em conjunto com os demais alunos. Ainda falta muito pra que todos possam compreender que a inclusão é um processo prazeroso muitas vezes complexo, mas, se todos se empenharem ele acontecerá de forma natural. “Aprender a conviver com o diferente é fundamental para o crescimento de todos os indivíduos, pois vivemos num mundo de milhões de pessoas diferentes, o fundamental é respeitar a todos”.

## **Relatos de experiência 2**

### Relato da mãe da criança com Síndrome de Down

“Minha filha foi desejada e muito esperada. Toda a gestação foi tranquila, saudável e sem intercorrências. Trabalhei até dois dias antes do parto.

Descobri que ela tinha síndrome de Down após o parto. Ninguém precisou me falar, ninguém me falou. Logo que a vi pela primeira vez notei. Minha primeira reação foi de medo, receei perdê-la. Fiquei assustada com essa possibilidade.

Não houve uma preparação, tivemos que aprender tudo na hora e na prática. Graças a Deus somos uma família que temos um lema: “todos juntos”.

Desde o nascimento buscamos informações e logo que passei pelo puerpério fui em busca de todos os profissionais e recursos que pudessem auxiliar no desenvolvimento de minha filha. Desde o segundo mês de vida ela faz fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional. Depois de algum tempo começou, também, com hidroterapia, estimulação e ecoterapia. Fomos a vários médicos especialistas na área para cuidar de todas as possíveis situações que a síndrome pode acarretar.

Hoje, minha filha está em tratamento/acompanhamento com neurologista, cardiologista, pediatra, endocrinologista, fisioterapeuta, psicólogo, fonoaudiólogo e terapeuta ocupacional.

Acredito fielmente que todo o desenvolvimento de minha filha esteja ligado ao apoio de todos profissionais, aos professores da escola inclusiva e dedicação de toda família. O envolvimento de todos esses profissionais é importante para proporcionar o pleno desenvolvimento de todas as habilidades tanto emocional quanto psíquica e física.

Escolhi a escola por considerá-la a mais atenciosa, intimista e porque acredito que uma postura mais amorosa ajuda na inclusão. Minha filha adora a escola, ama a professora e os colegas, se sente amada e incluída no grupo escolar”.